

**O Papel das Instituições de Ensino Superior no
Processo de Integração do Mercosul**

Profa. Ms. Luciane Stallivieri

(Docente do Departamento de Letras e Assessora de Assuntos Internacionais da
Universidade de Caxias do Sul – Presidente do Fórum das Assessorias das Universidades
Brasileiras para Assuntos Internacionais - FAUBAI)

Resumo

O objetivo do presente trabalho é trazer algumas reflexões sobre o papel das instituições de ensino superior para o fortalecimento do processo de integração do Mercado Comum do Sul – Mercosul. O texto analisa a formação do bloco econômico, desde a implantação do Tratado de Assunção e do Protocolo de Ouro Preto, buscando identificar, nesses documentos, o espaço destinado às questões relacionadas à cultura e à educação. Partindo dessa análise, o texto passa a tratar, então, das dificuldades e dos desafios encontrados pelas comunidades do cone sul, para efetivamente agirem de forma culturalmente integrada. Aponta para alguns pontos favoráveis à integração que poderão ser trabalhados pelos governos e pelas autoridades, em parceria com as instituições de ensino superior, e, por fim, sinaliza para sugestões práticas de atuação para o favorecimento da integração cultural das comunidades desse bloco. O documento apóia-se em textos e em posições de autores internacionalmente conhecidos e de autoridades governamentais nacionais e estrangeiras que vem discutindo as questões integracionistas do Mercosul, como os representantes dos Ministérios de Relações Exteriores, dos Ministérios da Educação de diferentes países.

Palavras-chave

Integração, instituições de ensino superior, Mercosul, cooperação.

INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Considerando que a ampliação das atuais dimensões de mercados nacionais da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai, através da integração, constitui condição fundamental para acelerar os processos de desenvolvimento econômico com justiça social;

entendendo que esse objetivo deve ser alcançado mediante o aproveitamento mais eficaz dos recursos disponíveis, a preservação do meio ambiente, o melhoramento das interconexões físicas, a coordenação de políticas macroeconômicas da complementação dos diferentes setores da economia, com base nos princípios de gradualidade, flexibilidade e equilíbrio;

tendo em conta a evolução dos acontecimentos internacionais, em especial a consolidação de grandes espaços econômicos, e a importância de lograr uma adequada inserção internacional para seus países;

expressando que este processo de integração constitui uma resposta adequada a tais acontecimentos; conscientes de que o presente Tratado deve ser considerado como um novo avanço no esforço tendente ao desenvolvimento progressivo da integração da América Latina, conforme o objetivo do Tratado de Montevideu de 1980;

convencidos da necessidade de promover o desenvolvimento científico e tecnológico dos Estados Partes e de modernizar suas economias para ampliar a oferta e a qualidade dos bens de serviço disponíveis, a fim de melhorar as condições de vida de seus habitantes;

reafirmando sua vontade política de deixar estabelecidas as bases para uma união cada vez mais estreita entre seus povos, com a finalidade de alcançar os objetivos supramencionados, a República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai firmaram, em 26 de março de 1991, o Tratado

de Assunção, instrumento que serviu para a constituição de um mercado comum para os Quatro Países do sul da América Latina.

Surgiu, dessa forma, o Mercado Comum do Sul - Mercosul, que inicialmente objetivava ser uma zona de livre comércio entre os Quatro Estados Partes.

Atualmente, graças ao Protocolo de Ouro Preto, o Mercosul configura-se com personalidade jurídica de direito internacional, com competência para negociar, em nome próprio, acordos com outros países e com organismos internacionais, sendo reconhecido como parceiro relevante no plano de negociações internacionais.

O Mercosul é uma realidade econômica de dimensões continentais.

Possui uma área de aproximadamente 12 milhões de quilômetros quadrados e representa um mercado potencial de 200 milhões de habitantes. Um PIB acumulado de mais de um trilhão de dólares, estando, por essa razão, entre as quatro maiores economias do mundo.

É hoje um dos principais pólos de atração de investimento mundial, tendo em vista ser o centro das maiores reservas de recursos naturais do planeta, em especial, as reservas de energia – minério e hidrelétricas. As redes de comunicação estão entre as mais desenvolvidas e atualizadas e o setor industrial está em franco desenvolvimento, superando, inclusive, alguns países considerados desenvolvidos. O setor de importações e de exportações está distribuído de forma equilibrada e com alto potencial de investimentos no relacionamento externo amplo e variado, tendo em vista o forte interesse em manter uma inserção comercial global, garantindo um maior escopo de atuação no cenário mundial.

Apesar dos Tratados e dos Protocolos terem um enfoque declaradamente econômico e comercial, algumas iniciativas também foram feitas no âmbito educativo e cultural, propiciadas pela implantação do Mercosul.

Sabe-se, no entanto, que essas iniciativas ainda são insuficientes, diante do vasto potencial de integração que os setores da educação e cultura dos países do Cone Sul possuem e diante do forte desejo de suas comunidades de verem esses setores fortalecidos, em especial, considerando a possibilidade de desenvolver ações conjuntas que possibilitem a implantação da cooperação internacional e do intercâmbio.

Esta contextualização, necessária para o entendimento da realidade do cenário do Mercosul e dos objetivos que o criaram, conduz a discussões sobre a questão da integração cultural, seus desafios e suas potencialidades, bem como o papel que desempenham as instituições de ensino superior dos países do cone sul para o favorecimento dessa integração.

Integração

O desejo de integração do nosso continente não é uma idéia recente.

Aspirar um continente integrado na sua unidade, mas respeitando as suas diversidades, parece ser um ideal recorrente aos que levantam as bandeiras integracionistas, desde os tempos mais remotos.

No entanto, os novos panoramas mundiais e as suas exigências tornaram-se os catalizadores para o aceleração dos processos de integração de países e da formação de blocos com interesses econômicos comuns.

Diante desse momento histórico inevitável, a América Latina incluiu-se nos blocos continentais que não pretendem ficar marginalizados, assumindo o papel de cooperar para poder competir.

Conforme Selva Alicia C. Rios (RIOS, Selva Alicia C. A integração cultural do Mercosul. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 1999, p.14), *“Por lo que vemos para América Latina la integración há dejado de ser una opción para convertirse em uma necesidad econômica”*.

Com o deslocamento dos eixos de poder, as relações e a interdependência entre os países se modificaram.

A globalização da economia, do comércio, dos processos de produção, das telecomunicações criou um cenário interconectado. Juntamente com a globalização da ciência e das tecnologias que passou a exigir das comunidades níveis de competências e de formação mais sólidos e competitivos, para sobreviver no mercado mundial, sem ter que ficar à margem das decisões.

Sendo assim, a formação de blocos econômicos, sem dúvidas, foi uma solução viável, encontrada para diminuir barreiras entre nações e povos, capaz de aprimorar o desenvolvimento científico, tecnológico e social, através da qualificação e da capacitação de recursos humanos em setores específicos.

Leite e Morosini (LEITE, Denise e MOROSINI, Marília Costa (org.) Universidade e Integração no Mercosul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992, p.11.), no artigo Universidade e Integração, argumentam que

“O principal propósito da integração é a alavancagem econômica dos países participantes, objetivo que deve estar intimamente associado à produção social e cultural dos países envolvidos”.

Integração, cultura e educação

Isto posto, cabe observar que somente a integração econômica não consegue sustentar a formação de blocos geopoliticamente reunidos, nem tão pouco consegue sustentar a união de seus povos em direção à integração de interesses culturais que beneficiem os países de forma equilibrada.

É necessário o investimento no desenvolvimento da educação e na criação de novas culturas, baseadas em valores de solidariedade e desenvolvimento mútuos.

Tem-se que encarar a educação para a integração, vislumbrando os novos desafios de uma sociedade mais exigente, mais ampla e muito mais dinâmica.

Nas grandes viradas políticas vividas recentemente, em especial, pelo Brasil e pela Argentina, nutrem-se esperanças de mudanças radicais, de renovação de princípios e de valores que presidam as ações dos governantes e que sinalizam para a proteção, para o fomento e para a valorização da educação como sendo a sua causa, sua fonte e sua raiz.

De acordo com Villela (VILLELA, Edison. O diálogo e a cooperação entre as universidades do Mercosul. Itajaí: Editora da Universidade/ UNIVALI, 1995, p.15.), se um projeto de integração de países quer ser bem sucedido, terá que ser precedido da educação como meio formador; terá que ser precedido de educação como base cultural, verdadeira raiz produtora da seiva indispensável ao pleno desabrochar das flores e dos frutos esperados.

Jean Monet, o mentor do processo de integração dos países da Europa, havia afirmado que o passo inicial, no caso do Continente Europeu, para a esperada integração, deveria ter sido dado rumo à educação. É que ela acaba por ser o melhor mecanismo de difusão da mentalidade transnacional.

Pode-se dizer que na América Latina está ocorrendo o mesmo? E no Mercosul? Está sendo dada a devida atenção à educação e à cultura como bases para a integração?

Há que se ter razões fortes para movimentar uma população em direção a certo ideal. De acordo com Maria Elena S. Vidal (VIDAL, Maria Elena S. A integração cultural do Mercosul. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 1999, p.49.)

Embora o sentir panamericanista corra pelas veias de muitos, ele não é um fundamento suficiente para a adesão ao integracionismo. Esta causa precisa de motivos (razões) fortes, que a justifiquem e lhe sirvam de norte, já que a conciliação de interesses díspares na busca de um “bem comum” tem sempre um preço. A presença de uma meta mais elevada que todas as partes aceitem como benéfica e sua é fundamental. Neste caso, a construção de uma ordem social baseada na dignidade humana, em que a liberdade e a justiça sejam igualmente respeitadas, em que os direitos humanos fundamentais, bem como os respectivos deveres, resguardem verdadeiramente a cidadania – entre outras coisas – pode servir como meta-guia, pois é um sonho antigo e sempre novo, que o coração sensível do latino-americano acalenta para si e para os seus iguais. Perseguir e realizar esse sonho é um desafio que o presente nos propõe. Creio que a América Latina tem uma suficiente reserva de valores no sentido de se tornar referência e esperança para a humanidade, no que tange a qualidade de vida.

Há de ser o objetivo de cada um dos governos dos Estados Partes, o estabelecimento de políticas educativas e culturais muito definidas e que vão muito mais além do que a promoção do conhecimento e da difusão de informações.

Sendo assim, as discussões sobre a integração cultural dos países do cone sul não se esgotam por aí.

1.4 Dificuldades e limitações para a integração cultural no Mercosul

José Flávio Sombra Saraiva (SARAIVA, José Flávio Sombra. O diálogo e a cooperação entre as universidades do Mercosul. Itajaí: Ed. da Universidade/Univali, 1995, p.21.) postula uma questão recorrente no que diz respeito ao tema das políticas educativas e de cultura no

Mercosul: Será, de fato, possível desenvolver o esforço integracionista na região austral da América do Sul sem a gestação de uma cultura comum de integração pela via da educação que dê lastro aos mecanismos comerciais e políticos?

A resposta parece ser clara. É fundamental o estabelecimento de políticas e de estratégias consensualmente definidas pelos dirigentes dos Quatro Estados e que preconizem uma agenda positiva em direção ao estabelecimento de ações de cooperação como vetor da integração cultural no Mercosul.

As ações ainda são muito insipientes se considerarmos uma postura protagonista no cenário de aproximação das culturas. Segundo Saraiva (1999), o Mercosul caminha sem uma discussão mais profunda por parte da intelectualidade dos quatro países. O terreno do comércio se sobrepõe às contribuições daqueles que deveriam dar animação e contundência intelectual à quase febre integracionista desenvolvida por diplomatas, empresários e políticos nos quatro países.

No caso brasileiro, a falta de uma cultura de integração é sentida a todo o momento. Isolado em sua vastidão, o Brasil ainda carece de uma formulação interna mais elaborada sobre a relevância da gestação de uma cultura de integração da região. As universidades brasileiras, embora não só elas, parecem ainda não ter despertado para o Mercosul.

Saraiva cita dois exemplos que comprovam a carência cultural no ambiente do Mercosul. Afirma que nos jornais brasileiros, o tema da integração regional aparece quase que exclusivamente nas páginas de política internacional e naquelas voltadas para o assunto econômico. As páginas culturais permanecem silenciosas, salvo honrosas exceções. Em segundo lugar, cita a questão das publicações de obras literárias que poderiam circular livremente no Mercosul. O que se percebe é uma grande dificuldade em adquirir, em livrarias brasileiras, obras consagradas de autores platinos ou de poetas uruguaios. Da mesma forma, a dificuldade em adquirir obras de escritores brasileiros consagrados, nas livrarias argentinas, uruguaias ou paraguaias.

O mercado literário certamente pode ser considerado um dos fortes aliados para a difusão cultural latino-americana e que não está sendo utilizado para esse fim.

Seguindo a mesma linha de raciocínio na identificação de obstáculos para a integração no âmbito cultural, Maria Elena Vidal elenca três tópicos que têm grande implicação no campo cultural e que tornam o processo de integração ainda mais complexo:

- ☞ desconhecimento e desinformação;
- ☞ preconceitos (ou rótulos);
- ☞ feridas históricas.

Desconhecimento e desinformação: apesar de supor-se que as pessoas escolarizadas deveriam ter mínimos conhecimentos gerais sobre os países vizinhos, a falta deles é bastante comum. A desinformação é grande quando se trata de conhecimentos específicos como a realidade político-sócio-cultural dos países latino-americanos. Segundo a autora, a falta de mútuo conhecimento nos mantém fora da realidade e desestimula os vínculos, pois não podemos apreciar aquilo que desconhecemos. Em relação à desinformação, ocorre, sobretudo, quando se veiculam verdades parciais ou distorcidas, das quais se tiram conclusões errôneas sobre o comportamento dos povos e sobre seus países.

Preconceitos: a leviandade no julgar pode gerar idéias preconcebidas. As generalizações, via de regra, levam à má interpretação ou a julgamentos precipitados com conclusões equivocadas. Isso ocorre muito entre os países latino-americanos que costumeiramente se rotulam devido à incidência de algumas situações. Não se pode julgar toda uma população baseando-se em fatos isolados.

Feridas históricas: alguns erros cometidos no passado, questões limítrofes, guerras, sempre foram motivos de discórdia. Se não foram bem resolvidos, seguem minando os ideais de integração e evitando que projetos de cooperação se concretizem.

Para ilustrar, Rios (RIOS, Selva Alicia C. A integração cultural do Mercosul. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 1999, p.34.) afirma que:

(...) los países del Cono Sur expresan em su própria forma de ser cultural, los nexos necesarios y suficientes, para ser um conjunto de pueblos que tienen una trayectoria histórica compartida y que pueden tener un destino común. Em estas condiciones y com estas características, se señala que estos países constituyen una comunidad natural, lo cual se singulariza frente a otros bloques que se constituyen a partir de razones económicas, comerciales, estratégicas o geográficas (...)

O papel das universidades frente ao processo de integração

O fenômeno da globalização da economia, característica das últimas décadas do século XX, sacudiu as universidades e lançou alguns novos desafios.

A crescente importância do conhecimento e a valorização do capital intelectual dos indivíduos, a revolução da informação e dos meios de comunicação e a responsabilidade na criação e na manutenção do entendimento entre os povos e do espírito de solidariedade com os países menos desenvolvidos passam a ser questões permanentemente discutidas nos fóruns internacionais e foram claramente apresentadas na Conferência Mundial sobre Educação Superior realizada pela UNESCO em Paris, no ano de 1998.

Esses desafios impelem a universidade a revisar e atualizar as suas estratégias, a fim de que seus estudantes, professores, pesquisadores e gestores passem a contar com as competências essenciais, acadêmicas e profissionais que lhes permitam interagir numa sociedade cada vez mais multicultural e internacional, com rápidas mudanças em seus sistemas.

Nesse novo panorama que se apresenta, as universidades vêem-se quase que obrigadas a buscar a cooperação internacional através de atividades de integração com outras instituições. Reconhecem que esse é o caminho através do qual elas obterão o apoio necessário para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão. Encontram nos programas de cooperação internacional um incremento de competências no desenvolvimento de sua missão social.

Considerando que a produção do conhecimento está presente na missão da maioria das universidades, sejam elas estrangeiras ou nacionais, e considerando o caráter mundial da aquisição do saber, isso conduz a um acelerado processo de internacionalização do ensino superior, o que gera inúmeras possibilidades de integração das diferentes culturas.

A integração das economias, o apelo constante do entendimento dessas diferentes culturas, os avanços dos sistemas de comunicação e a criação de redes de informação têm fortalecido e ampliado o espaço preenchido pela universalização do conhecimento, que adquire, a cada dia, mais força no lócus das universidades e das instituições de ensino superior.

O momento é favorável ao desenvolvimento de programas e de projetos que visualizem a integração das comunidades científicas e acadêmicas dos Quatro Países, pois elas podem juntas buscar a solução para inúmeros problemas sociais enfrentados pelas suas populações.

Para tanto, as instituições de ensino superior que já desenvolvem atividades em parceria com instituições de outros países devem fortalecê-las e as que ainda não desenvolvem, devem acelerar para que o busquem, pois a ausência de uma estratégia, tanto em nível institucional como em nível governamental, para fortalecer o processo de integração, pode ser fator de retardamento da obtenção de inúmeros resultados de desenvolvimento e de projeção institucional no panorama internacional.

A definição clara de estratégias para a integração das comunidades, que perpassa o trabalho universitário em seu conjunto, facilita o avanço de ações pró-ativas com vistas à busca de resultados concretos, de ganhos institucionais e de desenvolvimento equitativo.

Convém, no entanto, reforçar a idéia de que a integração é um processo que não pode ser imposto "de cima para baixo". Segundo Saraiva (...) Poderia ser argumentado que a integração pela via da cultura e da educação não é um processo a ser dirigido, ele é espontâneo, e o encontro eventual dos escritores, reitores, estudantes, professores e artistas trará, naturalmente, o novo ambiente cultural necessário à integração. Embora parcialmente verdadeira, deve ser sempre lembrada que a produção cultural para a aproximação e para o conhecimento mútuo dos povos nem sempre pode se desenvolver sem o estímulo das políticas culturais produzidas pelos governos.

Em suma, poder público e instituições de ensino superior devem unir esforços e estabelecer estratégias em comum para o desenvolvimento de ações de integração que projetarão o Mercosul não somente como a quarta economia mundial, mas como um pólo gerador e exportador de cultura própria, de riquezas e de belezas naturais e acima de tudo de possuidor de alma própria, que sustenta os seus valores e os identificam como um povo lutador que não quer mais ser colonizado.

1.6 Oportunidades e avanços para a integração através da educação

Apesar dos obstáculos e das limitações que foram elencados até aqui, não se pode ignorar todos os esforços e todas as ações bem sucedidas, que atingiram resultados

positivos e que já foram realizadas em parceria entre os Quatro Estados signatários do Tratado de Assunção.

A difusão da percepção acerca da necessidade de ampliação de temas educacionais e culturais na agenda dos negociadores, segundo Saraiva (1995), já iniciou, tendo o aspecto positivo de contar com a união das duas dimensões: cultura e educação.

Dessa forma, os sistemas educacionais e culturais servirão como o alicerce para o estabelecimento de compromissos para o desenvolvimento humano, para a transferência de novas tecnologias, para o respeito pelas diversidades, através do estabelecimento de parcerias com vistas ao crescimento mútuo das instituições e de suas comunidades científica e acadêmica.

É importante mencionar algumas iniciativas bem sucedidas e analisar de que forma elas podem ser ampliadas e aperfeiçoadas.

Pode-se citar, por exemplo, a criação da Comissão de Ministros do Setor Educacional, cuja finalidade é coordenar as políticas educacionais dos países membros.

Apesar do avanço lento e gradual, a reunião dos Ministros estabeleceu através do Plano Trienal, programas importantes voltados para a formação de uma consciência favorável ao processo de integração.

Dois projetos fundamentais nessa área são:

- a implementação do ensino da língua espanhola e da língua portuguesa em instituições de diferentes níveis e modalidades do sistema educativo, a fim de melhorar a comunicação entre os países que formam o Mercosul;
- a compatibilização e a harmonização dos sistemas educativos dos Estados Partes do Mercosul.

Esses dois programas sinalizam, no mínimo, para o mútuo interesse e para o reconhecimento das necessidades de estabelecer uma comunicação clara entre os povos, pois sem comunicação não se pode falar em integração.

E, da mesma forma, a harmonização acadêmica, jurídica e administrativa permite o reconhecimento de estudos e a homologação de títulos, facilitando a circulação de estudantes e de profissionais entre os quatro países.

Diante desse panorama, algumas universidades já saíram da letargia e estão agindo pró-ativamente, em especial, no desenvolvimento de atividades que facilitem a aproximação das comunidades.

Pode-se ilustrar essa situação com o exemplo da Universidade de Caxias do Sul, instituição de ensino superior de caráter comunitário e sem fins lucrativos, localizada na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, que desde 1997, oferece uma certificação aos cidadãos hispano-falantes. Através dessa certificação, a Universidade atesta o nível de proficiência lingüística dos candidatos, concedendo-lhe o Certificado Internacional de Língua Portuguesa, o CILP, que tem o selo de reconhecimento da União Latina de Paris. O CILP também foi declarado pelo Ministério de Educação da Argentina, como sendo de interesse educativo nacional. Através da difusão dessa certificação, percebe-se que houve um estímulo muito grande para as comunidades do Mercosul no interesse pelo conhecimento sobre a cultura brasileira e pelo aprendizado da língua portuguesa, tanto para fins gerais como para fins específicos, no caso, português para negócios.

Tendo presente esse cenário, conclui-se que muito ainda tem que ser feito, no entanto, como dizem os colegas do Prata: *"...ha de hacer hincapié."*

Torna-se mister que se coloque em marcha um conjunto de ações favoráveis ao desenvolvimento de programas de cooperação internacional que busquem a integração das dimensões educativa e cultural, que a tornem uma constante na pauta de discussões da cúpula que tem poderes para a tomada de decisões e para a efetiva realização dessas idéias.

Sabe-se que as forças do mercado e da diplomacia continuarão a ditar as regras do processo integracionista do Mercosul, (Saraiva, 1995), entretanto, entende-se que os governantes, contando com o apoio das universidades e das instituições de ensino superior podem se fortalecer e avançar com mais ousadia e com maior protagonismo no desenvolvimento dessas atividades.

"Ya es tempo de darle punto final a los proyectos y comenzar a ponerlos em práctica" conforme afirma Selva Alicia Rios.

De acordo com o documento Estratégias, Políticas y Acciones de Cooperación Internacional Universitária (ESTRATEGIAS, POLÍTICAS Y ACCIONES DE COOPERACIÓN INTERNACIONAL UNIVRSITÁRIA, 2003, Ciudad Autónoma de Buenos Aires.) do Ministério de Educación da Argentina, apresentado por Gustavo Kent na Ciudad Autónoma de Buenos Aires, em 03 e 04 de novembro de 2003,

la situación actual del conjunto de las instituciones universitarias reclama políticas activas, orientadas a propiciar reformas tendientes a su mejoramiento, para lograr un sistema eficaz, moderno y flexible, con crescentes niveles de calidad y equidad; respondiendo a los requerimientos y desafíos de desarrollo del país, su inserción en el mundo y las exigencias de la sociedad del conocimiento.

Que caminho devemos seguir? Algumas sugestões

Acima de tudo manter o otimismo e perceber que as oportunidades podem ser criadas, que a vontade política do “fazer” a efetiva integração cultural dos povos do Mercosul existe e é uma realidade viável.

As dimensões da educação e da cultura estão adquirindo espaço e ganham força nas discussões sobre o processo de integração, mesmo que tenham que disputar ferrenhamente com a prioridade dada as questões econômicas e comerciais.

No entanto, enfaticamente repete-se a necessidade da elaboração de um plano de metas consensuais, com estratégias definidas, e com previsões de atividades a curto e a longo prazo, que atinjam todas as esferas e níveis do sistema educacional dos quatro países, sem a necessidade de igualar os sistemas, mas sim respeitando as suas diferenças e as suas diversidades.

Pretenciosamente, apresenta-se, aqui, algumas idéias e sugestões que podem contribuir para o avanço do processo integracionista do Mercosul, e que poderão ser oportunamente aprofundadas e discutidas com as instituições de ensino superior:

- primeiramente, estabelecer, em parceria com as instituições de ensino superior, uma agenda de atividades para a definição de políticas institucionais em matéria de internacionalização. Buscar-se-á com isso a definição clara de objetivos, prioridades, prazos, ou seja, será definido onde se quer chegar;

- em segundo lugar, acredita-se necessário elaborar um mapeamento da atual situação de integração já existente entre as universidades do cone sul e da extensão das ações que já estão sendo desenvolvidas por elas. Com esse diagnóstico, poder-se-á reconhecer o que já foi feito e determinar, com mais propriedade, o que ainda está por fazer;

- promover a criação de uma rede transfronteiriça de instituições de ensino superior dos Quatro Países, tendo em consideração a sua proximidade geográfica, os seus interesses comuns, fatores que os unem e a sua unidade histórico-cultural. Segue-se o exemplo de redes como a Associação das Universidades de Língua Portuguesa, que conta com mais de 120 instituições de países lusófonos, que se reúnem com o objetivo de discutir e salvaguardar as questões da língua portuguesa;

- envolver os diretores, os coordenadores e os assessores de relações internacionais das universidades, com o objetivo de que eles sejam os interlocutores e os promotores das ações de cooperação no âmbito do Mercosul. No caso brasileiro, os gestores da cooperação internacional reúnem-se em fóruns de discussão como é o caso do FAUBAI – Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais, que congrega mais de uma centena de representantes de universidades brasileiras;

- desenvolver programas de mobilidade acadêmica internacional que possibilitem o intercâmbio de estudantes de graduação com o posterior reaproveitamento de créditos pelas instituições membro da rede Mercosul. Essa iniciativa já é feita por muitas instituições brasileiras isoladamente. No entanto, uma nova proposta poderia ser discutida com o apoio governamental, seguindo o exemplo do programa Erasmus, promovido pela Comunidade Européia, a qual desenvolveu o ECTS (European Credit Transfer System), ou seja, sistema europeu de transferência de créditos;

- estabelecer programas de pós-graduação com o apoio governamental, em especial, com vistas à desburocratização dos trâmites referentes à concessão de vistos e à legalização de diplomas. Essas medidas, além de facilitar o trânsito dos cidadãos dentro do cone sul, estimularia o mútuo interesse no desenvolvimento de programas de investigação conjunta para a busca de soluções aos problemas comuns, fortalecendo e projetando a ciência e a tecnologia produzidos na América Latina.

Enfim, várias podem ser as alternativas de ações de integração nos níveis da pesquisa, do ensino e da extensão, que podem favorecer não somente o livre trânsito de mercadorias, mas o livre trânsito de diferentes saberes, de pessoas e de culturas.

É de vasto conhecimento e de comum acordo que:

La cultura no és algo inerte y sin utilidad que constituye solo el adorno del espíritu. Es un instrumento de trabajo creador del que se sirve el hombre para

dominar el mundo físico, aumentar el bien estar social e individual y resolver en lo posible las problemáticas situaciones de vida. Comprende todos los conocimientos, modos de vida, instituciones e ideales, que a través de la historia se transforman constantemente, unfluyen en el proceso educativo que queda condicionado por diferentes factores: vision de la vida, situación histórica, concepción filosófica, progreso científico-tecnológico, dando lugar a distintos tipos culturales.(Rios, 1999) (Ibid. p.38)

Considerações finais

As reflexões que foram feitas no decorrer deste texto apontam para uma única direção: é tarefa de todos, enquanto cidadãos latino-americanos, pertencentes ao bloco econômico do Mercosul, brasileiros, e, em especial, gaúchos, residentes em estados vizinhos e fronteiriços a Argentina, ao Uruguai e ao Paraguai mantermos acesa a chama da integração.

É, também, o compromisso de todos os cidadãos agir na vanguarda, mantendo acesa a luz da esperança para o desenvolvimento e para o fortalecimento da grande nação latino-americana.

Para isso, são fundamentais repostas rápidas, viáveis e factíveis; respostas válidas e seguras que conduzam, de forma energética, a resultados palpáveis e concretos.

Não há o que questionar sobre a imperiosa necessidade de desenvolver a integração na dimensão educacional e cultural com a mesma velocidade que as dimensões econômicas e comerciais para afrontar os avanços e os desafios do duplo processo que se apresenta no século XXI: globalização *versus* regionalização.

Está claro que no novo panorama mundial que se configura, sobreviverão os blocos continentais e, por isso, torna-se cada vez mais relevante a definição dos perfis culturais através da difusão de informações, da circulação do conhecimento e da troca de experiências que favoreçam a aproximação das comunidades com diferentes identidades, patrimônios, raças e religiões, mas com profundo respeito as suas diversidades.

Por essas razões, há de se concordar com Rios: Ha llegado o momento de unirnos para lograr una América mejor (Rios, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. Mercosul. Disponível em: <http://www.mre.gov.br>

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

Cadernos Adenauer 7: Política externa na América do Sul. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.

Cadernos da integração/ Universidade do Sul de Santa Catarina. –v,1,n.1 (2003) Tubarão: Ed. UNISUL, 2003.

CHERMANN, Luciane. Cooperação internacional e universidade: uma nova cultura no contexto da globalização. São Paulo: EDUC, 1999.

DONCKT, Pierre Van Derr. Experiência de integração. In: O diálogo e a cooperação entre as universidades do Mercosul. Itajaí: Editora da Universidade/Univali, 1995.

KENT, Gustavo. Estrategia, políticas y acciones de cooperación internacional universitária. Reflexiones preliminares. Ministério da Educação da Argentina. Conferência apresentada na cidade de Buenos Aires, em 03 e 04 de novembro de 2003.

LEITE, Denise & MOROSINI, Marília Costa. (ORG.) Universidade e integração no Mercosul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

MARTINS, Estevão Chaves de Resende. Relações internacionais: cultura e poder. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2002.

MOROSINI, Marília Costa (Org.) MERCOSUL/MERCOSUR : Políticas e ações universitárias. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998. (Coleção Educação Contemporânea)

_____ Universidade no Mercosul. 2.ed. São Paulo:Cortez, 1998.

RIOS, Selva Alicia C. Integración cultural del Mercosur. In: A integração cultural do Mercosul. Pelotas: Editora da Universidade/UFPel, 1999.

SARAIVA, José Flavio Sombra. O papel da universidade no processo de integração. In: O diálogo e a cooperação entre as universidades do Mercosul. Itajaí: Editora da Universidade/Univali, 1995.

STALLIVIERI, Luciane. A internacionalização nas universidades brasileiras: o caso da Universidade de Caxias do Sul. Dissertação de Mestrado em Cooperação Internacional. São Paulo: Universidade São Marcos, 2002.

VAZ, Alcides Costa. Cooperação, integração e processo negociador: a construção do Mercosul. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2002.

VIDAL, Maria Elena S. Perfil cultural e perspectivas de integração. In: A integração cultural do Mercosul. Pelotas: Editora da Universidade/UFPel, 1999.

VILLELA, Edison. O diálogo e a cooperação entre as universidades do Mercosul. Itajaí: Editora da Universidade/Univali, 1995.